Sábado Santo

Evangelho ( ):

«---»

Rev. D. Enric CATALÁN Andrés
(Sant Cugat del Vallès, Barcelona, Espanha)

Hoje celebramos o grande repouso do Sábado Santo. Dentro do "tríduo" pascal, frequentemente centramos a atenção na Paixão ou na Ressurreição do Senhor, mas esquecemos facilmente o vínculo que existe entre os dois acontecimentos: o Sábado Santo. Talvez isso aconteça porque o silêncio profundo deste dia se afoga rapidamente no ruído do nosso mundo. E, no entanto, é neste silêncio que a palavra adquire sentido. A morte de Jesus não é simbólica: é real. Não só se solidarizou com os vivos — na sua encarnação — mas, desde o sepulcro, também se solidarizou com os mortos.

Uma mulher da paróquia de Sabadell (Espanha) visitava o cemitério todos os sábados; dizia que gostava da paz do lugar. E é que "cemitério" significa "dormitório" em grego, lugar de repouso depois de uma grande atividade. Ontem — Sexta-feira Santa — Jesus completava a obra da redenção. Hoje, no sepulcro, descansa. Não atua. É pura passividade confiante. Abandona-se nas mãos do Pai, sabendo que será libertado.

A descida de Cristo vai além do sepulcro: desce aos infernos, ao abismo, ao reino dos mortos. Como Jonas dentro do monstro marinho, Jesus conhece a morte por dentro, sonda-a, tal como também nós o faremos um dia. Mas o Sábado Santo não afirma apenas que o Filho de Deus repousou entre os mortos, afirma também que regressou de lá. O Pai não o deixou naquele reino, mas libertou-o das suas cadeias. O monstro da morte não pôde manter cativo Aquele a quem o Pai ama.

E se não o pôde reter a Ele, também não poderá reter aqueles que ouviram a sua voz: os justos que repousavam na morte. Este é o mistério profundo do Sábado Santo, um silêncio mais eloquente do que mil palavras. Preparemo-nos, neste silêncio, para a Páscoa. Para a palavra renovada que ouviremos esta noite. «Por isso, o meu coração se alegra e o meu ser exulta e o meu corpo repousa em segurança» (Sl 16,9).

Pensamentos para o Evangelho de hoje

- «Que ideia de Deus tivesse podido ante se formar o homem, que não fosse um ídolo fabricado por seu coração? Era incompreensível e inaccessível, invisível e superior a tudo pensamento humano; mas agora tem querido ser compreendido. De qual jeito? Você se pergunta. Pois estando numa manjedoura, predicando na montanha, passando a noite em oração, o bem colgando da cruz... » (São Bernardo)

- «A treva divina desse dia, deste século, que se converte cada vez mais num sábado santo, fala a nossas consciências. Tem em si algo consolador porque a morte de Deus em Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, expressão de sua solidariedade radical conosco. O mistério mais obscuro da fé é, simultaneamente, a sinal mais brilhante duma esperança sem fronteiras» (Bento XVI)

- «A morte de Cristo foi uma verdadeira morte, na medida em que pôs fim a sua existência humana terrena. Mas por causa da união que a Pessoa do Filho manteve com o seu corpo, este não se torneou um despojo mortal como os outros, porque "não era possível que Ele ficasse sob o domínio" da morte (Act 2,24) (...). A ressurreição de Jesus "ao terceiro dia" (1 Cor 15, 4) era disso sinal, até porque se julgava que a corrupção começava a manifestar-se a partir do quarto dia» (Catecismo da Igreja Católica, nº 627)

Outros comentários

«---»

P. Jacques PHILIPPE
(Cordes sur Ciel, França)

Hoje, não meditamos nenhum evangelho em particular, dado que é um dia que carece de liturgia. Mas, com Maria, a única que permaneceu firme na fé e na esperança depois da trágica morte de seu Filho, preparamo-nos, no silêncio e na oração, para celebrar a festa da nossa libertação em Cristo, que é o cumprimento do Evangelho.

A coincidência temporal dos acontecimentos entre a morte e a ressurreição do Senhor e a festa judaica anual da Páscoa, memorial da libertação da escravidão no Egipto, permite compreender o sentido libertador da cruz de Jesus, novo cordeiro pascal, cujo sangue nos preserva da morte.

Outra coincidência no tempo, menos assinalada porém sem dúvida muito rica em significado, é a que existe com a festa judaica semanal do "Sabbat". Esta começa na tarde de sexta-feira, quando a mãe de família acende as luzes em cada casa judia, terminando no sábado de tarde. Recordando que depois do trabalho da criação, depois de ter feito o mundo do nada, Deus descansou no sétimo dia. Ele quis que também o homem descanse no sétimo dia, em acção de graças pela beleza da obra do Criador, e como sinal da aliança de amor entre Deus e Israel, sendo Deus invocado na liturgia judaica do Sabbat como o esposo de Israel. O Sabbat é o dia em que se convida cada um a acolher a paz de Deus, o seu "Shalom".

Deste modo, depois do doloroso trabalho da cruz, «em que o homem é forjado de novo» segundo a

expressão de Catarina de Sena, Jesus entra no seu descanso no mesmo momento em que se acendem as primeiras luzes do Sabbat: “Tudo está realizado” (Jo 19,30). Agora completou-se a obra da nova criação: o homem, antigo prisioneiro do nada do pecado, converte-se numa nova criatura em Cristo. Uma nova aliança entre Deus e a humanidade, que nada poderá jamais romper, acaba de ser selada, já que doravante toda a infidelidade pode ser lavada no sangue e na água que brotam da cruz.

Diz a Carta aos Hebreus: «Por isso, resta um repouso sabático para o povo de Deus» (Heb 4,9). A fé em Cristo a ele nos dá acesso. Que o nosso verdadeiro descanso, a nossa paz profunda, não a de um só dia, mas para toda a vida, seja uma esperança total na infinita misericórdia de Deus, de acordo com o convite do Salmo 16: «A minha carne descansará na esperança, pois tu não entregarás a minha alma ao abismo». Que nos preparemos com um coração novo para celebrar na alegria as bodas do Cordeiro e nos deixemos desposar plenamente pelo amor de Deus manifestado em Cristo.

Outros comentários

«---»

Pe. Joan BUSQUETS i Masana
(Sabadell, Barcelona, Espanha)

Hoje, propriamente, não há “evangelho” para meditar ou —melhor— deveríamos meditar todo o Evangelho em maiúscula (a Boa Nova), porque todo ele desemboca no que hoje recordamos: a entrega de Jesus à Morte para ressuscitar e dar-nos uma Vida Nova.

Hoje, a Igreja não se separa do sepulcro do Senhor, meditando sua Paixão e sua Morte. Não celebramos a Eucaristia até que haja terminado o dia, até amanhã, que começará com a Solene Vigília da ressurreição. Hoje é dia de silêncio, de dor, de tristeza, de reflexão e de espera. Hoje não encontramos a Reserva Eucarística no sacrário. Há só a lembrança e o símbolo de seu “amor até o extremo”, a Santa Cruz que adoramos devotamente.

Hoje é o dia para acompanhar Maria, a mãe. Devemos acompanhá-la para poder entender um pouco o significado deste sepulcro o qual velamos. Ela, que com ternura e amor guardava em seu coração de mãe os mistérios que não acabava de entender daquele Filho que era o Salvador dos homens, está triste e sofrendo: «Ela veio para a sua casa, mas os seus não a receberam» (Jo 1,11). É também a tristeza da outra mãe, a Santa Igreja, que sofre pela rejeição de tantos homens e mulheres que não acolheram Aquele que para eles era a Luz e a Vida.

Hoje, rezando com estas duas mães, o seguidor de Cristo reflete e vai repetindo a antífona da pregaria das Laudes: «Cristo humilhou-se a si mesmo tornando-se obediente até a morte e morte de cruz! «Por isso o exaltou grandemente e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome» (cf. Flp 2,8-9).

Hoje, o fiel cristão escuta a Homilia Antiga sobre o Sábado Santo que a Igreja lê na liturgia do Oficio de Leitura: «Hoje há um grande silêncio na terra. Um grande silêncio e solidão. Um grande silêncio porque o

Rei dorme. A terra se estremeceu e se ficou imóvel porque Deus está dormindo em carne e ressuscitou aos que dormiam há séculos. “Deus morreu na carne e despertou os do abismo».

Preparemo-nos com Nossa Senhora da Soledade para viver a explosão da Ressurreição e para celebrar e proclamar —quando se acabe este dia triste— com a outra mãe, a Santa Igreja: Jesus ressuscitou tal como o havia anunciado! (cf. Mt 28,6).